

AS FORM(UL)AÇÕES DO POLÍTICO: CORPOS E IMAGENS EM DISCURSO

Alisson de Moraes GAMPERT¹
Marluza DA ROSA²

Resumo

Este artigo observa, segundo a tradição franco-brasileira de Análise de Discurso, a (re)produção de imagens do e sobre o discurso político nas mídias sociais, a fim de perscrutar a espessura histórica desses enunciados não-verbais, sua relação com a intericonicidade e seu possível funcionamento enquanto fórmula discursiva. O *corpus* de análise é construído a partir de uma colagem de imagens dos presidencialistas que se enfrentaram no segundo turno do pleito de 2018, no Brasil. Por meio da análise do *corpus*, identificamos que as imagens políticas, sob o funcionamento discursivo das mídias sociais, passam a operar enquanto fórmulas discursivas.

Palavras-chave: Intericonicidade; Fórmula discursiva; Discurso político; Mídias sociais.

Abstract

This article observes, according to the Franco-Brazilian tradition of Discourse Analysis, the (re) production of images on political discourse in social media, in order to examine the historical thickness of these non-verbal utterances, their relationship with the intericonicity and its functioning as a discursive formula. The *corpus* of analysis is constructed from a collage of images of the presidential candidates who faced each other in the second round of the 2018 election in Brazil. Through the analysis, it is possible to identify that the political images under the discursive functioning of social media operate as discursive formulas.

Keywords: Intericonicity; Discursive formula; Political discourse; Social media.

Introdução

Neste trabalho, filiados à tradição franco-brasileira de Análise do Discurso – portanto observando o homem falando (e significando-se) na história pela memória e pela ideologia – voltamo-nos a refletir sobre o funcionamento do discurso político em imagens sob condições contemporâneas de produção e circulação, a saber, as redes ou mídias sociais digitais.

¹ Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (UFSM/FW). Bolsista PIBIC/CNPq (2018-2019). E-mail: alissonmgampert@gmail.com

² Docente do Departamento de Ciências da Comunicação: Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (UFSM/FW). E-mail: marluza.rosa@ufsm.br

O *corpus* deste estudo consiste em uma “combinação de fotos” dos então candidatos à Presidência da República, no pleito de 2018, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, pelos Partido Social Liberal (PSL) e Partido dos Trabalhadores (PT), respectivamente. A montagem foi divulgada em duas reportagens *online* no dia 07 de outubro de 2018, dia do Primeiro Turno das eleições. As duas reportagens foram publicadas inicialmente pela IstoÉ³ e pela BBC News Brasil⁴, reproduzidas em outros portais *online*, e a imagem circulou, figurando e configurando-se em seu (re)compartilhamento, destacada do texto verbal das reportagens e assumindo diversas e difusas outras formas de significar.

Inicialmente, apresentamos as reflexões teórico-metodológicas sob as quais a análise é empreendida. Em seguida, detemo-nos no processo de descrição e interpretação do *corpus* e das suas condições de produção, para assim concebê-lo em sua historicidade. Por fim, tecemos algumas considerações sobre os efeitos de sentido em funcionamento no *corpus*, efeitos que indicam mutações no dizer/fazer/ser do discurso político e/no midiático. Observamos, portanto, a (re)produção desses efeitos de sentido sobre o (corpo do) político e sua possível atualização, a partir da produção e da circulação de imagens políticas, sobre a política e os atores políticos, em rede, nas mídias digitais. Para tal, refletimos, teórica, metodológica e analiticamente, acerca da noção de fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE, 2010) em conjunção com a de intericonicidade (COURTINE, 2013), a fim de propor uma releitura da referida noção voltada à análise de *corpora* imagéticos.

A forma da mão: discurso, imagem e corpo

O discurso, para Pêcheux (1990, p. 82), é “efeito de sentido entre interlocutores” em dados tempo e espaço sócio-históricos, e Orlandi (2009, p. 15) acrescenta que à AD cabe observar “o homem falando”. Logo, discurso pode ser compreendido como produção de sentidos entre falantes que se submetem à língua para dizer, sendo interpelados em sujeitos pela ideologia. É com a interpelação da ideologia que o indivíduo se projeta de seu lugar social para a posição sujeito da enunciação;

³ “Bolsonaro e Haddad: veja as propostas para dois países diferentes”. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-e-haddad-veja-as-propostas-para-dois-paises-diferentes/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

⁴ “Eleições 2018: Cinco fatos que provam que Brasil vai às urnas para disputa sem precedentes”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45760999>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

posição entre outras, inscrita em uma dada formação discursiva (FD), noção de Foucault (2009) que Pêcheux vai trabalhar dentro dos preceitos da AD, e que supõe aquilo que determina *o que pode* e *o que deve ser dito* em determinado momento histórico.

A respeito da noção de FD, Courtine e Marandin (2016, p. 38) afirmam que ela faz “referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso”, assim, possibilitando que “em uma conjuntura dada, sujeitos falantes, tomados na história, possam estar de acordo ou se confrontar sobre o sentido a dar às palavras, falar diferentemente embora falem a mesma língua”. Mas, como significam(-se) os sujeitos ao enunciar? Para Orlandi (2009, p. 31), as palavras não significam por si só, uma vez que há algo que “fala antes, em outro lugar, independentemente”, possibilitando que nossas palavras façam sentido. O interdiscurso, segundo a autora, consiste no “já-dito que possibilita todo dizer” (ORLANDI, 2012, p. 64), aquilo que jaz esquecido e se (res)significa no que falamos agora.

Esse funcionamento do interdiscurso, por se dar no atravessamento/entrelaçamento dos discursos, pode ser contraditório e corroborar a (re)produção de efeitos de sentido de um modo disperso, dividido e divergente, o que permite conceber a produção dos sentidos, na AD, em relação à ordem do político. Ainda segundo Orlandi (1998, p. 74), o político, sob uma perspectiva discursiva, “significa que o sentido é sempre dividido” e que essa divisão se orienta com base nas tensões sociais de uma sociedade datada. Isso se refere à movimentação dispersa dos sentidos e sua interpretação, muitas vezes contraditória, pelos sujeitos em sociedade. O sentido se produz no entremeio: não tem origem no enunciador ou em sua intenção, para fazer no que foi enunciado à espera de ser “entendido” ou não pelo receptor; produz-se, antes, na relação entre as formações imaginárias que os interlocutores atribuem um ao outro, em dada conjuntura, e as posições-sujeito que ocupam ao enunciar e reproduzir sentidos. Relação esta constituída no e pelo atravessamento discursivo heterogêneo, característico do interdiscurso e das FDs nas quais o sujeito deve se inscrever para formular seu dizer.

Por isso, o sentido se produz apenas enquanto efeito, ilusão de evidência, funcionamento que visa a estabilizar a relação entre as coisas e seus significados, na história e na memória. A produção de tais efeitos de sentido, por óbvio, não se dá aleatoriamente. A possibilidade de algum e qualquer sentido se (re)produzir é sempre cerceada pelas condições de emergência do enunciado que possibilita a (res)significação

dos sentidos pelo sujeito e a constituição do próprio sujeito pela inscrição de seu dizer em uma ou outra FD.

Neste ponto, faz-se cara a retomada da noção de enunciado proposta por Foucault (2009), de modo a fundamentá-la enquanto princípio de constituição do *corpus* desta pesquisa e de confluência das perspectivas teóricas aqui em desenvolvimento, já que, para o autor, discursos são compostos por enunciados que se inscrevem em determinada formação discursiva. Em sua obra, Foucault, ao tratar das FDs, caracteriza-as enquanto “princípio de dispersão e de repartição dos enunciados” (FOUCAULT, 2009, p. 122), cuja análise deve buscar problematizar as “regras de formação” desses enunciados, ou seja,

as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, 2009, p. 43).

Logo, assumir que a produção de enunciados funciona sob tais condições de existência significa que “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época” (FOUCAULT, 2009, p. 50) e, conseqüentemente, todo dizer é, assim como a produção do discurso, controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos, que visam a determinar o que pode e deve ser dito na/pela sociedade (FOUCAULT, 1996, p. 9). O autor reforça que as FDs não são “blocos de imobilidade, formas estáticas que se imporiam do exterior ao discurso e definiriam de uma vez por todas, seus caracteres e possibilidades” (FOUCAULT, 2009, p. 82), mas, justamente, constituem-se como um domínio aberto à contradição, à insurgência do novo em suas lacunas.

Sobre o enunciado, enquanto *materialidade repetível*, Foucault (2009) o caracteriza não como estrutura, mas como uma função de existência, uma função enunciativa que, para se realizar, requer

um referencial (que não é exatamente um fato, um estado de coisas, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação); um sujeito (não a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes); um campo associado (que não é o contexto real da formulação, a situação na qual foi articulada, mas um domínio de coexistência para outros enunciados); uma materialidade (que não é apenas a substância ou o suporte da articulação, mas um status, regras de transcrição, possibilidades de uso ou de reutilização) (FOUCAULT, 2009, p. 130).

Portanto, analisar esses enunciados deve focalizar “as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (*não sendo esta forçosamente gramatical* nem logicamente estruturada) uma existência, e uma existência específica” (FOUCAULT, 2009, p. 123, grifos nossos). Aí, acrescenta o autor, é possível conceber o(s) enunciado(s) na relação com um domínio de objetos, a partir de um jogo de posições possíveis para o sujeito, enquanto elemento em um campo de coexistência e com materialidade repetível. Assim, compreendemos o enunciado, na esteira de Foucault, como algo que não corresponde estritamente ao que se diz ou a formulações gramaticais. Courtine (2013), filiado ao pensamento foucaultiano, postula que “o discurso é um objeto linguístico que não é linguístico”, logo, que “o enunciado como átomo de discurso e o enunciado como fragmento de texto não poderiam ser usados um em lugar do outro” (COURTINE, 2013, p. 22). Foucault (2009, p. 93) demarcou esse caráter não exclusivamente linguístico do enunciado ao atestar que mesmo “um gráfico, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, um esboço de repartição, formam enunciados”. Essa compreensão possibilita, então, tomá-lo como passível de assumir diferentes formas, de sempre ser outro: ainda repetível, mas colocando em relação outros domínios de objetos, outros campos de coexistência e outras posições-sujeito.

A partir disso, situados no campo teórico-metodológico da AD pêcheutiana, propomo-nos a pensar, *com* Foucault (2009) e Courtine (2013, 2006, 2003), os enunciados por meio da observação do corpo enquanto espaço de materialização de discursos e sentidos, lugar da ilusão do eu e da unidade do sujeito; o corpo midiático pelas mídias televisivas e, agora, digitais. É pela análise de como a fala pública se modificou a partir do advento da televisão, colocando o corpo do homem político em cena e em telas, que Courtine (2006, p. 84-85) afirma que “de agora em diante, o discurso político não pode ser dissociado da produção e recepção de imagens da mesma maneira que o discurso do homem político não poderia mais se separar de sua imagem”. Essa primazia da imagem, parte de uma espetacularização do discurso político e da política (COURTINE, 2003, 2006; SÁ, 2017), dá indícios de uma psicologização da esfera pública, onde o corpo privado (do político) emerge, em detrimento de questões pertinentes ao (coletivo) público.

A esse respeito, ao escrever sobre as (novas?) discursividades da *web*, Sargentini (2017, p. 159) afirma que “a produção do discurso político responde, de forma inevitável, ao seu modo de circulação”. No caso das mídias sociais, responde especificamente à lógica de consumo capitalista na conjunção com o *marketing* político.

A produção do discurso político assume uma lógica de mercado e circula, segundo a autora, com “a função de reafirmar a identificação com o seu eleitor e nutrir embates que são produzidos durante a campanha” (SARGENTINI, 2017, p. 163).

Desse modo, as imagens ganham força e espaço na produção do discurso político, já que sua circulação pelas redes (Facebook, Twitter, Instagram, YouTube etc.) favorece o que Courtine (2003, p. 22, grifo nosso) chamou de política “das formas breves, das *fórmulas*, das pequenas frases”, já que o corpo passa a ser “um recurso central na representação política. É como se se passasse de uma política do texto, veículo de ideias, para uma política da aparência, geradora de emoções” (COURTINE, 2003, p. 25).

Ainda sobre o discurso político, Courtine (2013) o caracteriza como um “fragmento de história” apelando para a espessura histórica das palavras e, acrescentaríamos, das imagens. Sobre as mutações desse discurso, o autor escreve que, dominado pela lógica do mercado e sua ideologia de defesa do consumidor, o discurso político foi inundado por “discursos ‘líquidos’, [...] efêmeros, voláteis e descartáveis, onde as longas e laboriosas demonstrações dos programas compactos de ontem se degradavam em *fórmulas* e se disseminavam em *imagens*.” (COURTINE, 2013, p. 30, grifos nossos). Então, sobre o projeto de uma análise dos discursos, o autor afirma que, para devolver a densidade histórica à discursividade, é preciso não economizar na “análise de representações feitas de discursos, de imagens e de práticas” (COURTINE, 2013, p. 130), já que argumenta em favor de uma tomada dos discursos enquanto imbricados em práticas não-verbais, pelo verbo não poder ser dissociado do corpo e do gesto; e a expressão pela linguagem, daquela do rosto, de modo que não se separe linguagem e imagem.

No mundo contemporâneo, imagens são (re)produzidas quase automaticamente. Seja por podermos tirar uma foto, no âmbito particular e amador, e postá-la para nossos seguidores, seja por conseguirmos compartilhar alguma foto de outrem, as imagens do dia a dia são profusas, difusas, quiçá instantaneamente, produzidas e consumidas. Qualquer pessoa pode tirar e postar uma foto, desde que tenha acesso ao aparato tecnológico necessário para tal e, da mesma forma, dá-se a condição de compartilhamento, circulação e recepção dessas imagens. Mas, que efeitos de sentido produz esse funcionamento no discurso político? Acontece algo como uma “despolitização” (SÁ, 2017) ou “desideologização” (SARGENTINI, 2017) dos enunciados políticos? Essa “colagem de imagens” (COURTINE, 2006) em que se

constitui a mensagem política em rede nas mídias afeta em que medida a produção de efeitos de sentido?

A respeito disso, é-nos cara a noção de intericonicidade, formulada por Courtine (2013), a qual advém da reflexão do autor sobre a noção de interdiscurso, sua importância enquanto já-dito que possibilita todo dizer, e as mutações pelas quais passaram as formas de se produzir e fazer circular os discursos na sociedade. Portanto, a partir de Foucault (2009), ao compreender que o discurso pode ser fragmento de imagem ou centelha de linguagem, Courtine argumenta que

toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda a imagem tem um eco. Existe um ‘sempre-já’ da imagem. Esta memória das imagens pode ser uma memória das imagens externas, percebidas, mas pode ser igualmente a memória das imagens internas, sugeridas, ‘despertadas’ pela percepção exterior de uma imagem (COURTINE, 2013, p. 43).

Portanto, para observarmos as mutações do discurso político, decorrentes da sua produção, em imagens do corpo do homem político e sua circulação nas mídias sociais, é preciso investigar que outras imagens reverberam no *corpus* e como os efeitos de sentido se (re)produzem a partir desse “sempre-já” da imagem.

Neste momento, passamos a observar o *corpus* e indagá-lo acerca da memória visual, um atravessamento de discursos que “originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer” (FOUCAULT, 1996, p. 22). Para tanto, faz-se necessário situar o *corpus* desta análise nas condições de produção e circulação que lhe são específicas. Cabe ressaltar que o processo de delimitação do *corpus* e de descrição das suas condições de produção são gestos de interpretação, pelos quais não se pretende, tampouco se propõe, alguma verdade absoluta, mas, por meio do qual apresentamos uma versão dos acontecimentos históricos que podem, em alguma medida, constituir os efeitos de sentido a serem produzidos.

A combinação de fotos sobre a qual nos debruçamos foi divulgada por meio de duas reportagens, publicadas *online* pela IstoÉ e pela BBC News Brasil, em 07 de outubro de 2018, por ocasião do Primeiro Turno das Eleições 2018. As fotos combinadas, uma acima da outra, são, respectivamente, de Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). O primeiro, fotografado em meio primeiro plano com ângulo

normal, com os braços direcionados para a sua direita e as mãos em forma de arma – com os punhos retos, dedos polegar e indicador em riste, criando um ângulo de aproximadamente 90° entre eles, e demais dedos recolhidos junto às palmas das mãos. O segundo, fotografado em primeiro plano contra-plongée, aparece fazendo um símbolo bastante semelhante – dedos polegar e indicador em riste, com ângulo de aproximadamente 90° entre eles, e demais dedos recolhidos junto à palma da mão – mas, nesse caso, o candidato estica o braço direito à frente de seu corpo e dobra o pulso para cima, apresentando o “L de Lula (Livre)”. Ambos parecem estar em palanques políticos, como palco ou trio-elétrico. Eis a combinação de fotos, doravante sequência discursiva de referência (SDr):



SDr: Combinação de fotos dos presidenciaíveis no Segundo Turno de 2018
Fonte: IstoÉ e BBC News Brasil.

As imagens em questão foram escolhidas não apenas por apresentar os candidatos que disputaram o Segundo Turno das Eleições 2018, mas pela simetria produzida, construída, formulada com o auxílio da montagem de imagens que coloca os adversários políticos em relação política/ideológica por meio da relação física e/ou da organização gráfica. É possível identificar um alinhamento dos corpos na materialidade imagética, mas o que isso pode reverberar na produção histórico-social dos sentidos sobre a política e o político⁵? A (re)produção do alinhamento das mãos dos candidatos produz que efeitos de sentido a partir das condições de circulação desses enunciados? Como pode afetar a produção dos efeitos de sentido a circulação dessa formulação

⁵ Quando tratamos do político, no decorrer deste trabalho, referimo-nos ora ao âmbito da divisão e da disputa dos/pelos sentidos, ora ao "homem político", aqui, associado ao homem público, possível chefe de Estado, e à sua aparência, (con)figurado em/por imagens.

específica em relação, por exemplo, ao compartilhamento de cada foto destacada da outra?

Cada reportagem apresenta e inscreve a SDr em sua narrativa de maneira específica; se, na *BBC News Brasil*, a imagem aparece, entre outras, elencada numa ordem interna da reportagem que visa a organizar a complexidade histórica do período eleitoral, na *IstoÉ*, a imagem ilustra a comparação entre as propostas dos candidatos. Notamos que, em uma reportagem, parece haver esforço empreendido para produzir um modo ordenado, um caminho de observação sobre a trama do momento sócio-histórico em questão ao propor “5 fatos” que comprovariam estarmos diante de uma eleição “sem precedentes”. A SDr aparece no corpo da reportagem, após o subtítulo “Peso do 'medo' e o temor de retrocessos democráticos”, e ilustra essa seção que discorre sobre o medo de retrocessos democráticos que os candidatos inspiram, cada um à sua maneira, em partes distintas do eleitorado. Cada seção da reportagem, contudo, contém uma foto, supostamente, para ilustrar e, desse modo, orientar o olhar do leitor sobre o que trata o texto verbal da seção.

Os efeitos produzidos pela emergência da SDr, na primeira reportagem, remetem ao movimento de conceber o cenário político polarizado, comum durante a campanha em 2018, como a tentativa de representar de maneira linear a complexidade da trama político-partidária daquele momento histórico e direcionar a produção dos sentidos. Esse nivelamento político permite idealizar polos extremistas e um centro, ou região central, que pode ser moderado ou “na medida certa”. No caso observado, esse centro estaria mais relacionado ao contexto da disputa eleitoral de 2018 do que a um espectro político entre esquerda e direita. Portanto, o que parece constituir e instaurar cada extremo em seu polo é, justamente, a produção de uma proximidade e consequente similitude entre os candidatos, devido às supostas ameaças representadas por cada uma das candidaturas que eram previstas para a disputa do segundo turno.

Esses efeitos produzidos, de proximidade por semelhança e distanciamento por antagonismo, são recorrentes à emergência da SDr, visto que, na reportagem da *IstoÉ*, a SDr emerge logo após o título, de modo a ilustrá-lo, “Bolsonaro e Haddad: veja as propostas para dois países diferentes”. Desse modo, embora se considere que houve esforço para organizar, ordenar e relacionar as propostas dos dois planos de governo e que a imagem foi escolhida para re(a)presentar o conteúdo escrito, a própria imagem, contudo, parece desenhar essa relação de maneira mais simples e direta. Antes de se ler e comparar os conteúdos dos planos de governo (d)escritos na reportagem, ou seja, o

distanciamento por antagonismo, é a imagem que se vê, logo, a proximidade por semelhança, principalmente quando a reportagem é compartilhada e a imagem aparece (no *feed* do Facebook, por exemplo) precedendo o texto verbal.

Embora se trate de “propostas para dois países diferentes”, a foto produz para o leitor uma suposta semelhança entre os candidatos, ainda que, na explanação das propostas, isso se revele um efeito ilusório. É possível identificar que a aproximação por semelhança se dá, nesse caso, pelo enquadramento e combinação das fotografias, ao se produzir uma quase justaposição dos corpos e gestos, enquanto o distanciamento é sugerido pela diferença entre as *propostas de país* de cada candidato.

Sobre as fotografias que compõem a SDr, é necessário, ainda, um percurso histórico, para além do contexto de sua combinação, que faça aparecer as pontas dos discursos que se atravessam no *corpus* e (se) (res)significam pela (re)formulação. Para isso, tomaremos a SDr em duas partes: as fotos que compõem a combinação, pois cada uma delas foi compartilhada e circulou separada da outra, mas nunca avulsas, já que atravessadas pelo interdiscurso, pela intericonicidade ao remeter e retomar outras imagens.



SDr’:



SDr’’:

Em cada fotografia há um enunciado gestual específico, uma prática gestual repetível, distinguível e inteligível, que representa determinada tomada de decisão política no contexto das eleições brasileiras de 2018. Na SDr’, ao observar o gestual mais atentamente, parece haver diferentes desdobramentos da mão na produção do gesto. Alguém forma o gesto de arma com a mão; alguém com a mão em forma de arma; alguém usa a mão como arma; alguém com mão(s) em arma(s); alguém tem arma(s) na(s) mão(s). Essas derivações por paráfrase permitem observar possíveis deslocamentos que o sentido do gesto sofre na sua produção e circulação. A partir das noções de enunciado (FOUCAULT, 2009) e fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE,

2010), propomos tomar como enunciado-fórmula da SDr' o que representamos na escrita como *mão-arma(da)*.

Em acordo com Krieg-Planque (2010, p. 19), ao afirmar que “a noção de fórmula está ligada à de uso”, propomos observar a forma do gesto e o gesto enquanto fórmula. Para isso, problematizamos cada gesto em relação a uma prática particular, em relação a formas e meios pelos quais podemos (re)produzir tais gestos na contemporaneidade. Desse modo, consideramos que, por sua circulação saturada e dispersa nas redes sociais e nas ruas, tanto a *mão-arma(da)*, quanto a *mão-L*, na SDr'', funcionam, no contexto político eleitoral brasileiro de 2018, como fórmulas. Voltaremos a essa discussão na próxima seção.

Agora, cabe a cada foto a espessura histórica de sua produção. A de Bolsonaro, na SDr', foi produzida no dia 05 de setembro de 2018, durante ato de campanha eleitoral em Brasília (DF), antes de Fernando Haddad ser sequer confirmado como candidato pelo PT (o que aconteceu só em 11 de setembro) e um dia antes do incidente que hospitalizou o candidato do PSL após ser esfaqueado em um ato público com apoiadores. A fotografia de Haddad foi produzida no dia 19 de setembro de 2018, durante campanha em São Paulo (SP), quando já era o candidato oficial à Presidência pelo PT, no lugar do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que teve seu registro de candidatura rejeitado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Até o dia 11 de setembro, data limite para registro das candidaturas no TSE, Haddad figurou na posição de vice para Lula, até assumir a cabeça de chapa e ter, então, Manuela D'Ávila (PCdoB) como vice⁶.

Nossas reflexões, que não perseguem um esgotamento do *corpus*, inserem-se em uma tarefa histórica de lapidação de um prisma, na esteira dos trabalhos em AD, pelo qual se pretende propor uma perspectiva teórico-analítica de abordagem do discurso político que o considere em relação à espessura da trama histórica que o constitui e que permita observar as (re)atualizações, a regularização (ACHARD, 2015) dos efeitos de sentido no/sobre o político. Desse modo, não intentamos construir um grande e saturado arquivo (FOUCAULT, 2009) para registro de *corpus*, procedimento teórico-analítico sugerido por Krieg-Planque (2010), para investigar a realização de uma fórmula discursiva e por Courtine (2013), para trabalhar a intericonicidade. Justificamos

⁶ “PT anuncia candidatura de Fernando Haddad à Presidência no lugar de Lula”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2018/noticia/2018/09/11/pt-anuncia-candidatura-de-fernando-haddad-a-presidencia-no-lugar-de-lula.ghtml>>. Acessado em 10 jun. 2019.

tal escolha a partir da observação de que os enunciados em análise, a saber, os gestos fotografados, foram (re)produzidos, *online* e *offline*, por candidatos, militantes, simpatizantes, opositores e veículos de comunicação, em atos de campanha na rua, no HGPE⁷, nos debates, em coletivas de imprensa, durante o “ao vivo da Globo”, em notícias etc. Temos ciência, ainda, de toda a gama de fotografias, imagens, colagens, memes que, de uma forma ou de outra, capturam e retomam tais enunciados, de sua ocorrência profusa e dispersa para os lançar em rede, a circular até a saturação, nos grupos, nos *feeds* e nos *Stories*.

Nesta análise, direcionamos nossas reflexões sobre a possibilidade de dispersão na e pela (re)produção e circulação dos enunciados, enquanto fórmulas discursivas, nas mídias sociais e digitais, durante a campanha eleitoral de 2018 e, com isso, visamos a pensar sobre os deslocamentos de sentido daí derivados. Portanto, apresentamos alguns materiais de referência para relacionar ao *corpus* e tensionar sua suposta transparência, de modo que se verifique as possíveis potencialidades e limitações do dispositivo de análise proposto.

Para darmos continuidade ao percurso pretendido, passamos a refletir sobre a produção dos efeitos de sentido sobre os gestos de cada presidencial. Assim, cada gesto é tomado como um enunciado, por sua vez, caracterizado como fórmula, a saber, mão-arma(da) e mão-L, a partir dos quais confrontamos as imagens com sua intericonicidade e propomos considerações sobre os modos contemporâneos de (re)produzir sentidos sobre a política e o político.

A fórmula discursiva da mão: circulação, repetição e dispersão

Como mencionado na introdução deste estudo, para observar a (re)produção de efeitos de sentido sobre o (corpo do) político e sua possível (re)atualização a partir da circulação de imagens, buscamos refletir acerca da noção de fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE, 2010) em conjunção com a de intericonicidade (COURTINE, 2013). A seguir, então, confrontamos a superfície visível das imagens com sua espessura intericônica, ou seja, uma memória visual que integra uma cultura visual e insere cada imagem em uma rede de imagens. É devido a esse reservatório imagético, visto e imaginado, que é possível a determinado indivíduo, em dados espaço e tempo,

⁷ Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral.

constituir-se em sujeito para ver, interpretar e significar(-se) por meio de imagens. Não um reservatório com limitações intransponíveis, preenchimento ordenado, uniforme e homogêneo e de fácil legibilidade, mas um campo de vazios e atravessamentos, de possibilidades e contradições, de repetição e dispersão.

Perscrutamos, portanto, os rastros históricos nas/das imagens do *corpus* e observamos que outras imagens estão ali retomadas, negadas, esquecidas, atualizadas. Antes, porém, propomos considerar que a SDr' e a SDr'' caracterizam-se como enunciados-fórmulas, enquanto “um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 9). Nesse sentido entendemos os gestos – de arma e de L com as mãos – como fórmulas discursivas.

Krieg-Planque, ao trabalhar essa noção, reflete sobre como

Em um momento do debate público, uma sequência verbal, fortemente demarcável e relativamente estável do ponto de vista da descrição linguística que se pode fazer dela, põe-se a funcionar nos discursos produzidos no espaço público como uma sequência tão partilhada quanto problemática. Empregada em usos públicos que a investem de questões sociopolíticas por vezes contraditórias, essa sequência conhece, então, um regime discursivo que faz dela uma fórmula: um objeto descritível nas categorias de língua e cujo destino - ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado - no interior dos discursos é determinado pelas práticas languageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2003, p. 14, *apud.* ARAÚJO, 2013, p. 10-11).

Embora a autora apresente a fórmula como uma sequência verbal, propomos compreender os gestos como fórmulas, não em uma dimensão linguística, mas discursiva. O corpo enquanto superfície de materialização do sujeito e dos sentidos, tomado pelo gesto, enquadrado, registrado, public(iz)ado, compartilhado, curtido, formado em meme: os gestos-símbolos, em vez da sequência verbal, são enunciados que acreditamos poderem ser (d)escritos como mão-arma(da) e mão-L.

O primeiro gestual sobre o qual refletimos é o gesto de arma (SDr') que, muito antes de ser utilizado pelo presidencial em campanha, já era disseminado no imaginário popular, por exemplo, colocado abaixo do queixo ou ao lado da cabeça para simular uma tentativa de suicídio. Essas imagens podem fazer parte da memória visual de grande parte das pessoas, especialmente daquelas que, ao se conectarem à internet, estão sujeitas e expostas a toda diversidade de imagens recortadas, retomadas e postas a

circular em contexto distinto daquele de sua produção. Mesmo que não sejam imagens vistas, podem facilmente ser produzidas pela imaginação, “sugeridas” ou “despertadas”, nos termos de Courtine (2013), anteriormente mencionados.

O que ocorre, na SDr’, pode ser considerado uma apropriação política do gesto? Uma reatualização do gesto pelo seu uso político? É um gesto político, do político, de política? Trata-se do funcionamento político do sentido que se produz de maneira dispersa, por vezes contraditória, na materialidade da SDr’. A seguir, buscamos resgatar um pouco da espessura política desse gesto por meio de imagens que circularam outrora, visando a perceber reverberações entre as imagens, rastros visuais e de sentidos, também de imagens posteriores, que possivelmente retomam e atualizam o enunciado do *corpus*.

Na política partidária brasileira, por exemplo, o deputado federal por Goiás há três mandatos, delegado Waldir Soares, foi eleito suplente em 2010, depois figurou como o mais bem votado do estado nas eleições de 2014 e 2018⁸. Após cumprir dois mandatos pelo PSDB, em 2018, concorreu e elegeu-se pelo PSL, sigla de Jair Bolsonaro. A seguir, apresentamos uma imagem obtida por captura de tela: um frame do vídeo de propaganda eleitoral do Deputado Waldir em 2010.



Figura 1: Frame de vídeo de campanha eleitoral do Deputado Waldir
Fonte: YouTube

No vídeo⁹ de onde recortamos a figura 1, o então candidato à eleição para deputado federal, pelo PSDB de Goiás, defende o lema “45 no calibre e 00 da algema

⁸ “Eleito novamente como deputado federal mais votado em Goiás, Delegado Waldir diz ser 'o nome do combate à corrupção’”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/eleito-novamente-como-deputado-federal-mais-votado-em-goias-delegado-waldir-diz-ser-o-nome-do-combate-a-corrupcao.ghtml>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

⁹ “Delegado Waldir 4500”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ZqSkeEflUI>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

para o bandido”, em jogo com seu número de candidato, 4500. No vídeo de 29 segundos, o candidato dispara tiros pelos dedos, por meio da adição de efeitos sonoros e visuais, como marca de bala na tela e patinhos de borracha sendo abatidos. A cada frase/promessa dita, um tiro é disparado. Um fato é que uma das frases ditas pelo delegado Waldir no vídeo - “redução da maioria penal” - é o mesmo tema que, em 2015, fez ressurgir o enunciado-fórmula mão-arma(da).

Em agosto de 2015, quando o plenário da Câmara Federal aprovou a redução da maioria penal em alguns casos¹⁰, o então deputado Jair Bolsonaro posou ao lado do também deputado e coronel da Polícia Militar, Alberto Fraga (DEM-DF), fazendo o gesto de arma com as mãos em comemoração pela aprovação da proposta (Figura 2). Nesse caso, houve relação com o grupo de parlamentares, denominado Bancada da Bala, que apoiou a indicação de Bolsonaro à Presidência e que forma a base de seu governo.



Figura 2: Deputados Alberto Fraga (DEM-DF) e Jair Bolsonaro (PSL-RJ) fazem gesto de arma. Fonte: Jornal O Globo

Em julho de 2018, o então pré-candidato à Presidência pelo PSL apareceu em um vídeo divulgado nas mídias sociais no qual ensina uma criança a fazer o gesto com a mão e viralizou em meio à polêmica¹¹. O deputado Waldir afirma, na ocasião, ao assumir o uso corriqueiro do gesto, que este deve simbolizar “coragem, honestidade, ser patriota” para “pessoas de bem” e que apenas deve significar uma arma para os bandidos. Nesse caso, o enunciado mão-arma(da) supostamente se delimita a partir e com relação a outros enunciados que cerceiam sua produção de sentidos, com maior ou menor sucesso, a depender da “índole” boa ou má de quem vê e interpreta o gesto.

¹⁰ “Câmara aprova redução da maioria penal para 16 anos”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/camara-aprova-reducao-da-maioridade-penal-para-16-anos-17242250>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

¹¹ “Bolsonaro ensina criança a imitar arma com a mão”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

O enunciado mão-arma(da), principalmente no período de campanha eleitoral de 2018, foi aderido e repudiado, usado, registrado, comentado, criticado e questionado. O gesto em si provocou discussão sobre temas como armamento da população, violência e discurso de ódio. O movimento #EleNão¹², por exemplo, repudiou nas mídias sociais e nas ruas o candidato do PSL e seu histórico de declarações machistas e preconceituosas.

A fotografia que contém o enunciado em análise (SDr'), como informado anteriormente, foi registrada no dia 5 de setembro de 2019, um dia antes do “atentado”¹³ contra Jair Bolsonaro. Após, várias fotos do presidente em seu leito, no hospital Albert Einstein, circularam pelas redes sociais. Uma imagem (Figura 3), em especial, apresenta Bolsonaro no hospital, conectado a equipamentos, reproduzindo o gesto de arma com as mãos. Ao ser public(iz)ada, esta foto, em especial seu gesto, na ocasião torna-se objeto de discussão e polêmica.



Figura 3: Recorte de captura de tela do Twitter.
Fonte: Twitter

A polemização do gesto da mão-arma(da) percorreu as mídias sociais digitais, circulou em memes e notícias e colocou o gesto do político no foco do debate eleitoral em 2018. Ao questionar um suposto julgamento “hipócrita” que a mídia e parte do país têm direcionado ao candidato que empunhou o gesto no leito do hospital, são

¹² “#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

¹³ “CRONOLOGIA: atentado contra Jair Bolsonaro”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/27/cronologia-atentado-contra-jair-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

apresentadas versões, reproduções desse mesmo gesto, feitas por outras pessoas (cantores, políticos e celebridades nacionais e internacionais).

Esse breve percurso por imagens contemporâneas que ressoam no enunciado-fórmula, significando-o na história, permitem vislumbrar parcialmente o modo como a intericonicidade opera e constrói a legibilidade das imagens e como o gesto assume uma posição fundamental no interior desse funcionamento. A produção, organização e circulação dispersas saturam as fronteiras do enunciado de enunciados outros que retomam a mão-arma(da). Em termos foucaultianos, o enunciado, ou função enunciativa, constitui-se em relação a uma posição-sujeito que enuncia, sobre um referencial, a partir de uma rede de formulações e com materialidade repetível (FOUCAULT, 2009). Os efeitos de sentido se reproduzem e se atualizam, então, atravessados por outras imagens/discursos e derivam de acordo com as condições sócio-históricas de emergência dos enunciados.

Passamos, agora, a discutir a fórmula que caracteriza a SDr”, a saber, a fotografia de Fernando Haddad com o gesto de L, em referência ao mote “Lula Livre”. A imagem foi registrada no dia 19 de setembro de 2018, em período de campanha eleitoral, na qual Haddad disputou a Presidência da República pelo PT. De modo semelhante, porém específico, o gesto de L, assim como o gesto de arma, ressoa na memória social, significando-se nos limites de imagens outras.

A priori, podemos relacionar o gesto à combinação de mãos que representa a letra L na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Desse modo, esse sentido pré-estabelecido atravessa a circulação social do gesto, não sendo diferente no caso do L de Lula, onde a mão muitas vezes representa/ocupa o lugar da letra L na grafia da palavra Lula. O corpo formando palavra, formando e sendo formado por sentidos.

O gesto contido no *corpus* e tomado enquanto enunciado-fórmula, mão-L, emerge relacionado a Lula, pela primeira vez, no contexto de campanha político-eleitoral de 1989. Idealizado pelo jornalista Mário Milani (na figura 5, ao lado de Lula), o símbolo surgiu como uma proposta de usar o corpo enquanto meio de campanha eleitoral sem custos. Percebe-se aí o atravessamento do *marketing* político atualizando os sentidos na e sobre a política.



Figura 5: Mário Millani e Lula fazendo o gesto de “Lula Presidente”
Fonte: Jornal Gazeta do Povo

O jornalista afirma, em entrevista cedida ao jornal Folha de Londrina, em 2002, que a concepção do símbolo demandou estudos de “semiologia”, “de gestos, comunicação não-verbal”¹⁴. Embora não nos interesse aqui o suposto percurso teórico, a intenção ao se “dar origem” ao gesto ou sua própria origem, esse fato corrobora o postulado de Courtine (2003) sobre como a mutação dos meios de comunicação política decorre de mutações no modo de dizer a política e, portanto, no modo de ser do homem político.

Sobre as mutações do discurso político, Courtine (2006) sugere que a mensagem política já não pode mais ser considerada estritamente linguística, necessitando ser tomada enquanto uma “colagem de imagens” (COURTINE, 2006, p. 85), já que as práticas de escrita e leitura, adequadas ao aparato audiovisual de informação de dada época, impõem-se ao conteúdo do discurso político e produzem essa versão de um “discurso curto, descontínuo e ininterrupto” (COURTINE, 2006, p. 84). Se, por um lado, Courtine se refere a uma sociedade datada na década de 80 sob o advento da televisão, por outro, suas observações sobre a mutação da produção dos efeitos de sentidos políticos parecem atualíssimas, se pensarmos a circulação de imagens políticas em rede nas mídias sociais.

De volta às imagens, ressaltamos o caráter de colagem dos enunciados do *corpus* e das figuras deste trabalho; enunciados como fragmentos do discurso em imagens, um tanto opacos, mas com capacidade de significar (em) outras imagens. É importante atentarmos ao caráter intericônico do enunciado mão-L que, nesse caso, vai ser povoado de imagens de campanhas políticas, como é o caso da figura 6, onde, ao lado de Lula e Mário Covas, Leonel Brizzola produz a mão-L em palanque político ao

¹⁴ “Jornalista do PR criou a marca de Lula”. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/opiniaio/jornalista-do-pr-criou-a-marca-de-lula-421635.html>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

declarar apoio à candidatura petista na eleição de 1989¹⁵, a primeira eleição depois do Golpe Militar de 64.



Figura 6: (esq. para dir.) Mário Covas, Lula e Leonel Brizzola, na campanha petista de 1989. Fonte: Jornal Gazeta do Povo

Mas, para além de campanha eleitoral, a mão-L vai ressurgir em protestos, manifestações, camisetas, cartazes, corpos e mãos em fotos nas mídias sociais, enfim, toda uma gama de imagens vistas, registradas, lembradas, supostas, imaginadas. Na figura 7, como na figura 6, a mão-L é retomada em período de campanha eleitoral. Apesar das ocasiões similares, o contexto político eleitoral de 2018 difere muito daquele experienciado nas eleições de 1989, quando a mão-L representava “Lula Presidente”. Mas, para além do objetivo dado ao uso do gesto, cabe perscrutar-lhe a densidade histórica.



Figura 7: Registro da candidatura de Lula
Fonte: Congresso em Foco

É possível conceber que, naquela época, com a recente “reabertura democrática” e 22 candidatos na disputa, os sentidos produzidos na e sobre a política tenham sido atravessados por uma memória (dos gritos) da ditadura. Quase 30 anos

¹⁵ “20 anos depois”. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/20-anos-depois-bzq86t0nja41ljzf36t32hhzi/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

depois, em 2018, parece evidente falar das mudanças decorridas com o passar do tempo. Parece-nos, contudo, mais interessante apontar (des)continuidades nesses enunciados. Desde 1989, a mão-L significou Lula Presidente e podemos dizer que o que aconteceu em 2018 no Brasil – quando Lula, mesmo preso, liderava as pesquisas de intenção de voto entre os pré-candidatos, em um contexto pós-golpe de 2016 – foi uma retomada dos sentidos daquela eleição em 1989 que marcaram com a mão o L de Lula. Entretanto, para além disso, o contexto do processo, julgamento, condenação e prisão do ex-presidente joga a mão-L em uma produção ainda mais dispersa, pois, associado à campanha Lula Livre¹⁶, viria, também, representar a crítica a um sistema jurídico parcial, a denúncia de uma perseguição política sofrida por Lula, a defesa de direitos democráticos constitucionais etc.

O político em form(ul)ação: intericonicidade entre história e memória

Por meio desse percurso, intentamos refletir acerca de noções da AD, com Foucault (2009) e Courtine (2013, 2006, 2003), ao objetivar uma análise do discurso político contemporâneo. Como mencionado, Courtine (2013, p. 30) afirma que o discurso político “é um fragmento de história” em que deve ser possível observar as mutações pelas quais passaram as antigas formas de produzir o discurso na sociedade. Nesse sentido, a fala pública, na contemporaneidade, é afetada pelo advento das tecnologias de informação e comunicação e tem *se disseminado em fórmulas e imagens*, de modo que “o discurso do homem político não poderia mais se separar de sua imagem” (COURTINE, 2006, p. 84-85). Por isso, a análise dos discursos deve “buscar as continuidades e as mutações nas práticas discursivas que estão inscritas na materialidade linguística, nas leis, nas instituições, *nos gestos*, nos costumes, na arquitetura” (SARGENTINI, 2014, p. 165-166, grifo nosso).

Desse modo, tomamos os gestos da SDr como enunciados que, conforme Foucault (2009), não devem ser concebidos como estritamente linguísticos, e procuramos refletir sobre a circulação destes gestos, em fotografias, como fórmulas discursivas (KRIEG-PLANQUE, 2010) nas mídias sociais. Não obstante o caráter verbal da noção formulada por Krieg-Planque (2010), apontamos para o fato de que os gestos pressupõem uma forma da mão específica e cristalizada. Enquanto fórmula, os

¹⁶ “Lula Livre” também nomeou vigília, jornada, comitê, campanha, encontro nacional, mutirão, caravana, panfleto, romaria, festival etc.

gestos fotografados inserem-se numa dimensão discursiva por retomarem e serem retomados em inúmeros outros enunciados-imagem, tanto em experiências *online* quanto *offline*. Assim, funcionam como referente social no contexto eleitoral de 2018, no Brasil, pois representam posições político-partidárias distintas, se não opostas. Ainda, os usos do gesto como fórmula indicam apropriações polêmicas e contraditórias por parte de seus enunciadores.

Para a análise dos gestos em imagens, partimos da noção de interdiscurso, revista por Courtine (2013) na noção de intericonicidade, e investigamos os resquícios de imagens, suas reverberações, traços imagéticos que transpassam os limites do enquadramento – de uma fotografia, por exemplo – e (re)significam-se em outras imagens. Esse funcionamento da intericonicidade remete ao do interdiscurso, enquanto o já-visto que sustenta a (re)produção dos sentidos em imagens inscritas em uma cultura visual, de dados espaço e tempo, ao possibilitar que, a partir de outras imagens, possamos interpretar os enunciados imagéticos com os quais nos defrontamos no cotidiano (COURTINE, 2013). O interdiscurso é o que diz antes, em outro lugar, independentemente, que retorna no que é dito agora para significar(-se); a intericonicidade, por sua vez, é o visto antes, em outro lugar, independentemente, que ressoa nas imagens de agora possibilitando sua inteligibilidade.

Em suma, nossa discussão acerca dos gestos do corpo registrados e reproduzidos por/em imagens corrobora, sobre os enunciados mão-arma(da) e mão-L, que “a fórmula circula com o apoio de certos usos que lhe dão um caráter conflituoso ou problemático, e com o apoio de acontecimentos ou de outros discursos que motivam sua utilização, que dão razões aos locutores para recorrerem a ela de uma maneira ou de outra” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 43).

As fórmulas discursivas da mão-arma(da) e da mão-L, em sua circulação nas mídias sociais, produzem efeitos de sentido de (não) aproximação entre os candidatos, seja pelas formas da mão fotografadas, seja pelos programas de governo, seja pelo fato de cada candidato (ou qualquer pessoa) retomar e remeter-se a imagens e sentidos distintos ao utilizar as fórmulas. Os usos da fórmula permitem, assim, deslocar os sentidos produzidos pelos e sobre os candidatos, tanto em relação aos seus corpos e gestos registrados em fotografias, quanto em relação às posições ideológicas que circunscrevem cada projeto de governo.

Gostaríamos, então, de propor algumas considerações sobre o trabalho teórico-metodológico acerca das noções de fórmula discursiva e intericonicidade para analisar o

discurso político contemporâneo em imagens, form(ul)ado pelo/em gesto. Tomar o gesto como fórmula discursiva implica um deslocamento do olhar do analista para as imagens do corpo do homem político contemporâneo, já que, assim como na SDr, são as fotografias desses corpos e desses gestuais que circulam facilmente; fotografias editadas, reproduzidas em colagens, destacadas de suas condições de produção e postas a circular entre a repetição e a dispersão.

Podemos, por meio da análise da SDr e das figuras aqui apresentadas, corroborar o apontamento de Krieg-Planque (2010), segundo o qual os grandes e tradicionais meios de comunicação (imprensa, televisão, rádio, cinema) perderam o protagonismo da disputa pelo controle da produção e circulação das fórmulas na sociedade. As mídias sociais, com perfis pessoais interconectados em rede global e com suporte digital, disputam pela discursivização da história do presente com suas práticas próprias de escrita e de leitura que se contrapõem às narrativas midiáticas lineares de veículos tradicionais por sua dispersão, repetição e saturação.

Alinhados à perspectiva da autora sobre uma fórmula discursiva ter um caráter cristalizado, inscrever-se numa dimensão discursiva, funcionar como um referente social e comportar um aspecto polêmico, para o desenvolvimento deste trabalho, e para trabalhos futuros nessa perspectiva, é importante partir de uma perspectiva foucaultiana, em que “pode haver – e, sem dúvida, sempre há –, nas condições de emergência dos enunciados, exclusões, limites ou lacunas que delineiam seu referencial, validam uma única série de modalidades, cercam e englobam grupos de coexistência, impedem certas formas de utilização” (FOUCAULT, 2009, p. 125).

Desse modo, a intericonicidade deve ser concebida como aquilo que permite que certas imagens possam ser produzidas e interpretadas, em dada época, pelo atravessamento de ecos/*flashes* de uma memória e de uma cultura visual. Os corpos, os gestos e seus sentidos tendem a se (des)regular, na memória, a partir de suas retomadas, pelo sujeito, a depender de quais imagens são rememoradas e/ou negadas em sua emergência, na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2015, p. 11-20.

ARAÚJO, A. P. A “noção de fórmula” de Krieg-Planque sob a ordem do discurso de Foucault. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e**

Argumentação, Ilhéus/BA, n. 5 p. 5-21, dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/428>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

COURTINE, J.-J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis: Vozes, 2013.

COURTINE, J.-J. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, J.-J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 21-34.

COURTINE, J.-J.; MARANDIN, J.-M. Que objeto para a análise de discurso? In: CONEIN, B. *et al.* (Orgs.). **Materialidades discursivas: a espessura da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 33-54.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORLANDI, E. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, Florianópolis/SC, v. 1, n. 1, p. 73-81, dez. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6915/6378>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p. 61- 162.

SÁ, I. A arte de dizer a política: processos de espetacularização do discurso político no Brasil. In: SARGENTINI, V. (Org.). **Mutações do discurso político no Brasil**: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 59-83.

SARGENTINI, V. Mutações do discurso político: segmentação, docilização e estetização. In: SARGENTINI, V. (Org.). **Mutações do discurso político no Brasil**: espetáculo, poder e tecnologias de comunicação. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 85-106.

SARGENTINI, V. Ecos da arqueogenealogia de Michel Foucault na análise da imagem: retratos do homem político na mídia. In: PIOVEZANI, C; CURCINO, L;

SARGENTINI, V. (Orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 163-174.

Submetido em: 14/12/2019.

Aprovado em: 20/11/2020.

Como referenciar este artigo:

GAMPERT, Alisson de Moraes & DA ROSA, Marluza. As form(ul)ações do político: corpos e imagens em discurso. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.36, jul./dez. 2020, p. 98-121.